

PÓS-MODERNISMO DE RESISTÊNCIA E O TERRORISMO MIDIÁTICO NA AMÉRICA LATINA¹

Cora Catalina Quinteros²

Resumo: A notícia televisiva é, indubitavelmente, uma propositora relevante sobre o acontecimento político. Neste sentido, é possível fazer algumas reflexões sobre o assunto, cujo interesse se manifestou ao observar que na academia pouco, ou quase nada, se fala a este respeito, talvez por ser considerado erroneamente “ultrapassado”. Erroneamente porque este trabalho apresenta fatos que comprovam a existência pela disputa na América latina, ainda nos dias atuais. Este trabalho faz parte de minha dissertação de mestrado em Comunicação e Linguagens através da linha de pesquisa da análise de sentidos.

Palavras-chave: Jornalismo latino-americano; pós-modernismo de resistência; imperialismo noticioso; TeleSur.

Abstract: The television news is, undoubtedly, an important proponent of the political event. In this sense it is possible to make some reflections on the subject, whose interest was expressed by observing that the academy little or almost nothing says in this regard, perhaps because it is erroneously considered "outdated". Erroneously because this work presents facts that prove the existence of the dispute in Latin America, even today.

Key-Words: Latin American journalism, resistance postmodernism, imperialism news; TeleSur.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da interface Comunicação e Política cujo segmento de realidade a ser observado é o panorama atual latino-americano diante do papel da imprensa, enquanto intérprete de movimentos políticos e sociais a partir da atual pauta de debate a respeito do enfrentamento ao imperialismo noticioso, tema de destaque no *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Mediático* (Caracas, 27 a 30 de março de 2008), onde se discutiu a função de ingerência política que a imprensa, historicamente, vem desempenhando no sentido de estimular a construção do imaginário coletivo para a desestruturação de sistemas de governo discordantes da política neoliberal.

Como objeto de estudo para esta análise selecionou-se uma notícia do telejornal denominado TeleSUR, que é o primeiro canal multi-estatal Latino-Americano mantido

¹ Trabalho apresentado ao III Congresso de Estudantes de Pós-graduação em Comunicação/CONECO UERJ2009

² Aluna do mestrado em Comunicação e Linguagens e integrante do grupo de pesquisa JORXXI. Universidade Tuiuti do Paraná – UTP/PR. E-mail: coracatalina@gmail.com

por quatro governos: Venezuela, Argentina, Cuba e Uruguai. Criado em 2005 e veiculado no Brasil desde março de 2008, esta nova mídia difunde sua missão como sendo a de desenvolver “um novo paradigma comunicacional” para a América Latina:

Es el primer intento contra hegemónico que hay en América Latina a nivel masivo, a ver si comenzamos a desalambrar el latifundio mediático, pero recién cortamos el primer pedacito de alambre, y de aquí a democratizar esto quedan siglos. (AHARONIAM apud TELESUR, 2008).

Como contraponto, analisarei a mesma notícia veiculada pela CNN espanhol, partindo da premissa relacionada à hegemonia midiática que ambos telejornais disputam. O *corpus* do trabalho será análise do discurso a respeito da notícia sobre a invasão da Colômbia ao Equador, um momento midiático relevante para o jornalismo regional em 2008.

As diferenças encontradas a partir desta comparação embasam o debate a respeito da ingerência política desempenhada pela imprensa. O território da comunicação delimitado, enquanto elemento interacional, é a “construção” do espectador elaborado pelo próprio teor dos programas dos noticiosos. Decorrente desta afirmação, num primeiro momento, este artigo propõe uma reflexão relacionando a teoria do pós-modernismo de resistência às notícias veiculadas no objeto de estudo escolhido, considerado de relevância para a mídia regional.

Considerando que os modos pelos quais o advento de uma nova mídia pode alterar as interações sociais e a estrutura social em geral, a premissa, parte do pressuposto que o objeto de pesquisa representa um diferencial noticioso na América Latina e, no decorrer do trabalho serão analisadas as características dessa diferencialidade. Dada essa distinção política, expressa, nos telejornais, é possível então se perguntar: como essa diferença relacionada “de partida”, entre ambos, se realiza efetivamente?

A motivação para a comparação: o ponto de vista “americano” da CNN sobre a América Latina; versus a proposta crítica e “interna” latino-americana da TeleSUR se fundamenta no desejo de desenvolver descobertas a respeito desta iniciativa multi-estatal mantenedora de uma mídia geradora de sentidos. Não pretendo julgar intenções a favor de um nacionalismo totalitário ou pensamento revolucionário para América Latina mas levantar dados sobre suas representações comunicacionais. Nessa visão será aplicado o conceito sobre hegemonia segundo pensamento de Gramsci.

Neste ensaio será apresentada a proposta teórica do pós-modernismo de resistência de Peter MacLaren relacionando-as à contra-hegemonia e o discurso que, propondo-se a estudar a linguagem como prática social, considera crucial o papel do contexto. Esse tipo de análise se interessa pela relação que há entre a linguagem e o poder, das relações de dominação, discriminação, poder e controle, na forma como elas se manifestam através da linguagem (WODAK, 2003).

O imperialismo noticioso: a história que construímos na América Latina

Se observarmos a história lembraremos que a economia política da comunicação começa a se desenvolver nos anos 60, mas é a partir de 1975 que se encaminha para uma reflexão sobre as “indústrias culturais” onde, no momento em que as políticas governamentais de democratização cultural e a idéia de serviço e monopólio públicos são confrontadas com a lógica comercial num mercado em via de internacionalização através do capitalismo, a influência exercida pelos Estados Unidos sobre a mídia dos países latino-americanos sem dúvida se relaciona com a dominação cultural dos povos.

A visão do espaço como lugares de confronto entre os blocos e suas ideologias trouxeram à tona pesquisas funcionalistas sobre a comunicação internacional. Essa abordagem funcionalista, associada às estratégias de desenvolvimento-modernização no Terceiro Mundo não pode ser dissociada da abordagem maniqueísta da liberdade de expressão comercial dos atores privados do mercado à liberdade de expressão em geral. Nos anos 70, a perspectiva crítica americana se enriqueceu com as contribuições de Stuart Ewen, que publica uma história sobre os fundamentos e a ideologia do consumo associada a certa idéia de democracia. Na América Latina, região projetada para o centro das controvérsias sobre as estratégias de desenvolvimento no confronto Norte/Sul, passa-se a desenvolver a “teoria da dependência”.

Se a América Latina aparece na vanguarda nesse gênero de estudos é porque ali se desencadeiam processos de transformação que abalam as velhas concepções de agitação e porque o desenvolvimento da mídia era bem mais importante do que em outras regiões do Terceiro Mundo. É na segunda metade dos anos 70 que acontece o surgimento na Europa do segundo foco da economia política da comunicação.

Os pesquisadores franceses assumem papel de destaque, cuja postura é, em geral, decididamente crítica. Implícita, essa finalidade da economia política francesa

estimulou a Grã Bretanha – também pólo de expressão dessa corrente crítica - uma polêmica aberta com a corrente dos Estudos Culturais – acusada de privilegiar de maneira isolada o nível ideológico. A partir de meados dos anos setenta, começa a surgir um quadro que pode ser denominado de ‘cientificista’, no qual o modelo informacional começa a tomar posse do campo, sobrevivendo na proposta estruturalista e deixando de lado muitas questões importantes: não somente as questões de sentido, mas também de poder e toda a gama de perguntas que vêm da informação como processo de comportamento coletivo. Ao deixar de fora da análise as condições sociais de produção do sentido, o modelo informacional eliminou a análise das lutas pela hegemonia, isto é, pelo discurso que “articula” o sentido de uma sociedade.

Segundo A. Mattelart, “a revolução da comunicação, *slogan*, que nasce do outro lado do Atlântico, encarrega-se de minar as últimas utopias de revolução política” (MATTELART, 1997; 126). A idéia do fim das ideologias encontra um substituto nas representações coletivas: é a chamada “aldeia global”. Aos olhos do cientista político Z. Brzezinski, diretor do Instituto de pesquisas sobre o comunismo na Universidade Columbia, a primeira sociedade global da história são os Estados Unidos, por ser a principal propagadora da “sociedade tecnocrônica” – fruto do cruzamento entre o computador, a televisão e as telecomunicações. Para ele, “essa sociedade comunica mais do que qualquer outra. É a única a propor como “modelo global de modernidade”, esquemas de comportamentos e valores universais por intermédio dos produtos de suas indústrias culturais e da tecnologia.

Em meados de 80 percebeu-se que o lugar do jogo transnacional não se encontrava somente no âmbito econômico – da desvalorização dos Estados em sua capacidade de decisão sobre as formas próprias de desenvolvimento e as áreas prioritárias de investimentos – senão na hegemonia de uma racionalidade dissociando o Estado e legitimando a dissolução do público:

El Estado estaba dejando de ser garante de la colectividad nacional como sujeto político y se convierte en gerente de los intereses privados transnacionales. Las nuevas tecnologías de comunicación constituyen así un dispositivo estructurante de la redefinición y remodelación del Estado: hacen fuerte a un Estado que refuerzan en sus posibilidades/tentaciones de control, mientras lo tornan débil al favorecer el movimiento que tiende a desligarlo de sus funciones públicas. No debe extrañarnos entonces que los medios pierdan en su capacidad mediadora lo que ganan como nuevo espacio tecnológico de reconversión industrial. (J. Martín-Barbero, 1987, 1989)

Retomando a questão sobre o uso da palavra imperialismo. Se para o pesquisador D. Moraes, a noção de sociedade global torna obsoleta a velha noção de “imperialismo”

para designar as relações entre os Estados Unidos e América Latina e demais países. (DE MORAES, D. 2000), contudo, observa-se que ainda hoje esse tema é pauta de debate conforme registrado este ano – quase duas décadas depois - no *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, realizado em Caracas nos dias 28, 29 e 30 de março de 2008. Segundo publicação sobre o evento, o encontro teve como temas principais a guerra midiática na América Latina, a questão do “imperialismo” contra a unidade latino-americana e a posição das agências de notícias frente à guerra midiática. O diretor da *Agencia Bolivariana de Noticias* (ABN), Freddy Fernández, afirmou que "nos hace falta articular un sistema propio de comunicación en todo el continente para que nuestra condición ética resista la política imperial que algunos quieren imponer en esta región del mundo." (FERNÁNDEZ apud BOLETÍN; 2008).

Ao mesmo tempo em que acontecia este encontro, ocorreu, também em Caracas, a assembléia da *Sociedad Interamericana de Prensa* (SIP). A SIP agrupa donos de quase dois mil meios de informação dos Estados Unidos e da América Latina, e teve como discussão principal da assembléia anual de 2008 a questão da liberdade de imprensa. Segundo texto publicado no site da SIP contendo as conclusões desta assembléia:

“en los ultimos seis meses, la libertad de prensa sufrió un declive preocupante em las Américas manifestado por procesos legales y dictámenes judiciales contra los medios, así como por el aumento de la violencia contra los periodistas”

E ainda (...) “o recente incremento de empresas midiáticas estatais na região é uma prova dos novos esforços empregados para o controle da informação”. (SOCIEDAD..., 2008).

Em contrapartida, o sociólogo venezuelano Vladimir Acosta, ao falar sobre a assembléia da SIP, afirmou que “este evento há puesto en evidencia que la SIP puede ser la mejor expresión mediática del dominio imperial ejercido sobre América Latina com sede em Washington” (ACOSTA apud RESUMEN..., 2008). E completou:

“cada vez hay menos gobiernos complacientes y por eso los médios tienen que mentir más, manipular más, presionar más y eso los pone en evidencia como lo que son, el organismo de los dueños de los grandes diarios colocados al servicio del poder imperialista. (ACOSTA apud RESUMEN..., 2008)

Do texto da declaração resultante do *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, destacamos alguns pontos principais:

[...] El terrorismo mediático es la primera expresión y condición necesaria del terrorismo militar y económico que el Norte industrializado emplea para imponer a la Humanidad su hegemonía imperial y su dominio neocolonial. Como tal, es enemigo de la libertad, de la democracia y de la sociedad abierta y debe ser considerado como la peste de la cultura contemporánea. A nivel regional el terrorismo mediático utilizado como arma política en el derrocamiento de gobiernos democráticos [...] está siendo empleado hoy para sabotear cualquier acuerdo humanitario o salida política al conflicto colombiano y para regionalizar la guerra en la zona andina. [...] (RESUMEN..., 2008).

Estes dois importantes eventos fizeram pulsar o tema do terrorismo midiático em Caracas. Ampliando o debate, no programa “Mesa-Redonda” da TeleSur – veiculado via internet em 28 de março de 2008 – os jornalistas presentes, dentre eles, o fundador da *TeleSur*, questionaram o atual papel da SIP que se, originalmente, teve sua criação para fins democráticos e a favor da liberdade de imprensa, hoje se posiciona ao contrário, ou seja, contra a liberdade de imprensa.

A partir destas observações percebem-se elementos questionáveis sobre o modo que a dominação ainda é exercida sobre os países latino-americanos. O pesquisador brasileiro Muniz Sodré explica que as decisões e o modo de organização dos países periféricos se concentra não somente numa classe, mas numa etnia, quer dizer, uma comunidade definida por sua língua e sua cultura, "que projeta narcisicamente a sua imagem étnico-cultural vitoriosa sobre o resto das populações, através dos *mass-media* ou quaisquer outros meios possíveis de difusão culturalista." (1994; 130)

Retomando a história Latino Americana lembremos que na década de noventa, estudos comunicacionais constataram a presença de temas como o transnacional, a democracia, a cultura, diante do crescente desenvolvimento do capitalismo. O capitalismo, por sua vez, apresenta um novo mapa: dominação, produção, trabalho, consumo. O consumo não é só reprodução de forças, mas também produção de sentidos.

Nesse contexto, Barbero afirma que “prova da importância desse novo terreno é a relevância política hoje adquirida pelos “novos conflitos”, as lutas contra as formas de poder que perpassam, discriminando ou reprimindo, a vida cotidiana e a luta pela apropriação de bens e serviços”. (BARBERO, 2007)

O Pós-Modernismo de Resistência

A Pós-Modernidade, como uma categoria conceitual abrangente, contempla o advento de muitos “pós-ismos”, como pós-estruturalismo, pós-colonialismo, pós-modernismo, pós-feminismo, entre outros. Todos estes “pós-ismos” interagem, se

justapõem, se complementam ou se antagonizam, diferindo em relação às novas tendências trazidas pelos avanços tecnológicos das últimas décadas, como o desenvolvimento de uma conscientização sobre os mundos pós-coloniais. O pós-modernismo enfoca e discute o sujeito unificado, o pós-colonialismo recai no sujeito imperialista. Consequentemente, o pós-modernismo é classificado como mais politizado e socialmente comprometido. (ARAÚJO, D. 2007; 12)

O cenário pós-moderno nos oferece uma atitude ambivalente. Por um lado, uma aceitação da pluralidade e do multiculturalismo. Por outro lado, um questionamento contínuo sobre como assimilar e representar todas as facetas apresentadas. [...] Outra característica é sua auto-referencialidade, apontando para seu processo de construção, muitas vezes, de acordo com os parâmetros tradicionais, inacabado, incompleto, em desenvolvimento”. (ARAÚJO, D. 2007; 13)

O pós-modernismo procura encontrar outras possíveis causas – particularmente a confiança ocidental depositada em ideologias que propagam verdades universais – humanismo, história, religião, progresso, etc. “A teoria pós-moderna, reluta em isolar um único fator principal determinante”. (Creed, B apud Araújo, D. 2007;18).

As visões críticas rejeitam a idéia totalizante e totalizadora, conferindo às noções de mundialismo e de espaço-mundo seu caráter de construção social. Voltam a conectá-las com a história e mostram em que são componentes do “capitalismo mundial integrado”. As problemáticas atentas às lógicas da reterritorialização, aos processos de mediação e negociação entre as exigências externas e as realidades singulares. Na América Latina, estudos antropológicos se interrogam sobre os complexos processos de apropriação e reapropriação, de resistências e mimetismo. “Nossas sociedades entram na era pós-industrial, e as culturas na chamada era pós-moderna”, escrevia em 1979 o filósofo Jean François Lyotard em *A condição pós-moderna*.

O pós-modernismo, como dominante cultural da lógica do capitalismo avançado, caracteriza-se pela crítica aos “modelos de profundidade”: o modelo dialético da essência e da aparência e seus conceitos de ideologia e falsa consciência; o modelo existencial da autenticidade. (MATTELART, 2001; 172)

A crítica pós-moderna busca transformar o conceito do político pela sua ênfase na significação e representação. Por exemplo, Paul Gilroy tem chamado a atenção a respeito de alguns problemas de se teorizar sob a bandeira do pós-modernismo. O que alguns críticos/as culturais proeminentes vêm como os aspectos constitutivos do pós-modernismo – a falta de profundidade, a retirada da questão da história, o

desaparecimento do afeto – na visão de Gilroy, não levam suficientemente a sério o que está acontecendo na cultura expressiva negra. (MacLAREN, 1997; 63)

Se vamos ao pós-modernismo de resistência, segundo Ebert (1991:115 *apud* MacLAREN, 1997), ele busca revelar que as significações são práticas materiais, formas de relações conflitivas onde o signo é sempre uma arena de conflito material, bem como relações sociais competitivas e também de ideologias. O multiculturalismo de resistência se recusa a ver a cultura como não conflitiva, harmoniosa e consensual. Não compreende a diversidade como uma meta, mas argumenta que a diversidade deve ser afirmada dentro de uma política de crítica e compromisso com a justiça social. Ele tem de estar atento à noção de “diferença”. Diferença é sempre um produto da história, cultura, poder e ideologia. Questiona-se a construção da diferença e identidade em relação a uma política radical. A posição é contra o romance neo-imperial com etinidade *monoglótica*³, sustentado em uma experiência compartilhada ou “comum” da América que está associada às tendências conservadoras e liberais do multiculturalismo.

As posições conservadoras e liberais sobre a diversidade constituem, muito frequentemente, uma tentativa de compreender a cultura como um bálsamo calmante – o resultado da discórdia histórica – uma espécie de presente mítico onde as racionalidades do conflito histórico foram gentilmente solucionadas. Para McLaren

esta não é apenas uma visão ingênua de cultura, ela é profundamente desonesta. Ela ignora a importância do engajamento em divergências de opiniões (em alguns momentos) para contestar as formas hegemônicas de dominação e para afirmar as diferenças. (McLAREN, 1997; 126)

Outro ponto importante abordado pelo mesmo autor crítico é que uma vez que toda experiência é a experiência do significado, precisamos reconhecer o papel que a língua desempenha na produção de experiência. Pois, segundo ele, “você não vive uma experiência e então procura uma palavra para descrevê-la”. Pois a língua, neste caso, ajuda a constituir a experiência ao oferecer uma estrutura de inteligibilidade ou como instrumento mediador pelo qual experiências possam ser compreendidas. “Em vez de tratar sobre a experiência, é mais adequado abordar sobre os efeitos da experiência”. (Zavardazeh e Morton *apud* MacLAREN, 1997; 127) A crítica do multiculturalismo crítico argumenta que a relação entre significante e significado é insegura e instável e que os signos são parte de uma luta ideológica que cria um regime particular de

³ *Monoglotismo* (do *grego monos*, só + *glotta*, língua), também designado **monolinguismo**, refere-se à utilização de uma única língua por uma pessoa ou comunidade.

representação que serve para legitimar certa realidade cultural. Teresa Ebert (1991b) assegura que

as relações socioeconômicas de poder requerem distinções a serem feitas entre os grupos, através de formas de significação, com o objetivo de organizar as pessoas de acordo com uma distribuição desigual de privilégio e poder. (McLAREN, 1997; 128)

Ou seja, a posição teórica central é de que as diferenças são produzidas de acordo com a produção ideológica e a recepção de signos culturais. Como Masúd Zavarzadeh e Donal Morton apontam, os signos são considerados referenciais no momento dos conflitos sociais”(1990:156 apud McLAREN, 1997; 131). Diferenças são construções históricas culturais. A crítica pós-modernista não é monolítica e em forma de ensaio, McLaren faz a distinção entre duas tendências teóricas: o **pós-modernismo lúdico**, segundo ele descrito com precisão por Teresa Ebert (1991b:115) “geralmente enfoca o fabuloso potencial combinatório dos signos na produção de significados e se ocupa de uma realidade que é constituída por uma contínua característica brincalhona do significante e da heterogeneidade das diferenças”. Sendo assim, o pós-modernismo lúdico (Lyotard, Derrida, Baudrillard) constitui um momento de auto-reflexividade na desconstrução das metanarrativas ocidentais, assegurando que o significado é autodividido e polivocal. No lúdico, a política torna-se uma prática textual (ex. paródia, pastiche, fragmentação) que perturba, descentra e rompe, em vez de transformar a circulação totalizante do significado dentro de grandes narrativas e aparatos discursivos dominantes. Com frequência assume a forma de uma recusa gasta do marxismo e das grandes teorias como se estivessem sem chance alguma e fora de questão neste tempos novos; o **pós-modernismo de resistência** traz à crítica lúdica uma forma de intervenção materialista uma vez que não está somente embasado em uma teoria textual da diferença, mas em vez disso, em uma teoria que é social e histórica. Desta maneira, a crítica pós-moderna pode servir como uma crítica intervencionista e transformadora da cultura. Segundo Ebert, busca revelar que as significações são práticas materiais, formas de relações conflitivas (1991b:115). O signo é sempre uma arena de conflito material, bem como relações sociais competitivas (e também idéias). A diferença é politizada ao ser situada em conflitos sociais e históricos reais em vez de ser, simplesmente, contradições textuais ou semióticas. Ele não abandona a polivocalidade, pois é compreendido e relacionado ao conflito de classe, à institucionalização das relações assimétricas de poder e privilégio.

Jornal televisivo TeleSur: será um novo paradigma de resistência na América Latina?

Pela primeira vez na história da América latina surge um novo ator midiático de relevância para fazer oposição à hegemonia do neoliberalismo: a TeleSur. É uma emissora multinacional pública, ou seja, mantida pelos governos de Venezuela (51% de investimento), Argentina (20%), Cuba (19%) e Uruguai (10%). Através da TeleSur é possível perceber, pela primeira vez, o investimento do Estado num meio de massa que serve à cidadania regional, que esteve limitada durante muitos anos a projetos de caráter comunitário ou meios alternativos.

A missão da TeleSur é desenvolver um novo paradigma comunicacional para a América Latina, promovendo o direito à informação e assumindo a veracidade noticiosa como seu princípio fundamental, além de estimular a produção, promoção e difusão de conteúdos próprios da região e fomentar o reconhecimento do imaginário latino-americano, construído por nós, habitantes desta região. Um dos propósitos é abrir caminhos para que temas latino-americanos sejam produzidos através de uma rede latino-americana, uma vez que há muitos noticiários que se originam fora da região, como é o caso da versão em espanhol da BBC de Londres, das cadeias hispanas dos Estados Unidos, Univisión, CNN em espanhol, Televisa, Globo, etc.

É um canal cuja proposta principal é realçar a integração, a diversidade e a pluralidade da região, além de lutar contra o papel hegemônico da mídia comercial, o discurso único, o pensamento único, a imagem única. Aram Aharonian, jornalista uruguaio, afirmou que esta iniciativa pode se realizar graças aos "novos ares" da esquerda latino-americana, ao mesmo tempo em que negou as críticas de que o canal de televisão será um meio de propaganda de Caracas e de Havana: "Es el primer intento contra hegemónico que hay en América Latina a nivel masivo, a ver si comenzamos a desalambrar el latifundio mediático, pero recién cortamos el primer pedacito de alambre, y de aquí a democratizar esto quedan siglos". (AHARONIAM apud TELESUR, 2008).

A primeira emissão do canal TeleSur foi às 7 h da manhã do dia 31 de outubro de 2005 em Caracas. Sua programação inclui noticiários, informativos, crônicas, reportagens, entrevistas e documentários do continente. As primeiras sucursais a funcionar foram as da Colômbia, Brasil, Argentina e Cuba. Aos poucos a rede de correspondentes foi se ampliando, agora são 12 sucursais: Brasil, Argentina, Bolívia,

Peru, Estados Unidos, México, Equador, Venezuela, Colômbia, Haiti, Nicarágua e Cuba - e 6 jornalistas colaboradores permanentes no Chile, El Salvador, Costa Rica, Uruguai, Paraguai e Guatemala.

No Brasil, a TV Comunitária de Brasília já transmite o Telejornal TeleSur em espanhol há algum tempo. Desde o dia 31 de março de 2008, a TV Paraná Educativa transmite de segunda a sexta-feira o TeleSur Notícias traduzido para o português. Isso porque, segundo o diretor da TeleSur no Brasil, um dos responsáveis pela difusão do telejornal em português, a cultura é um componente essencial para a integração regional:

O general Abreu e Lima, pernambucano que lutou ao lado de Bolívar é um herói na Venezuela e é desconhecido no Brasil. Quem conhece a história de Abreu e Lima no Brasil? Nós vamos contar essa história. Nós vamos contar para os bolivianos quem foi Tiradentes. Vamos contar para os colombianos que foi Zumbi dos Palmares. Isso já mostra um outro olhar, uma outra narrativa e uma outra linguagem. Mas isso precisa começar pelo respeito aos idiomas. Por isso nós vamos fazer uma programação bilingüe. (ALMEIDA, 2005).

Diferentes Narrativas: o Conflito Equador x Colômbia

O conflito entre o governo da Colômbia e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) pode ser descrito como um conflito interno, que envolve atores estatais e não-estatais, e de ampla repercussão internacional. No dia 01 de março de 2008, o exército da Colômbia bombardeou um acampamento das FARC localizado em território equatoriano, e acabou por matar cerca de 20 guerrilheiros, entre eles, Raul Reyes, o segundo nome mais importante da guerrilha, porta-voz das FARC nas negociações para a paz.

Esse episódio não simbolizaria um conflito entre esses dois países, mas entre a Colômbia e um ator não-estatal, as FARC. Porém, a Colômbia utilizou a força dentro do território equatoriano sem o consentimento do governo do Equador, o que caracteriza o episódio como violação da soberania e da integridade territorial do país. Depois de dias de discussão e do envolvimento de outros países latino-americanos, o governo da Colômbia apresentou um pedido de desculpas formal ao governo do Equador. Atualmente o restabelecimento da paz entre os países está sob intervenção da OEA (Organização dos Estados Americanos). (WAISBERG, 2008).

Algumas análises justificam que esse conflito não é bilateral (Colômbia X Equador), mas sim hemisférico e quem sabe, até mesmo mundial, uma vez que reflete o conflito entre dois projetos distintos: o dos Estados Unidos, de soberania limitada aos

demais países do continente e o projeto de desenvolvimentismo democrático e de unidade latino-americana. O episódio do bombardeamento colocou esse conflito mais uma vez em pauta. Cada um dos grupos procura o apoio da opinião pública mundial e utiliza os meios de comunicação para isso. Os meios, por sua vez, contam para a população versões diferentes da mesma história, de acordo com seus próprios interesses ou ainda, de acordo com os interesses de quem os influencia economicamente, politicamente e culturalmente.

Responsáveis pela propagação dessa ideologia, os meios de comunicação, “aprofundam politicamente as linhas ideológicas tradicionais desejáveis (individualismo, familiarização etc.) e inculcam valores de mudança (hedonismo, desrepressão, modernização etc.) necessários à expansão do consumo.” (SODRÉ, 1994; 45).

Para uma reflexão sobre ideologia e nosso tema em análise é importante referir que consideraremos a visão sobre hegemonia do filósofo italiano Antonio Gramsci, a qual tem como elementos constitutivos básicos a *direção* e *dominação* e, considerando-a como sendo a capacidade de direção cultural ou ideológica de uma classe sobre o conjunto da sociedade e uma relação de dominação entre dirigentes e dirigidos, podemos co-relacionar que nas primeiras reflexões gramscianas, seu objetivo era aprofundar estudos e teorias sobre o conceito de domínio sem violência, mas com consenso, nos campos político, cultural, moral e até lingüístico

[...] o fio condutor do pensamento de Gramsci permite afirmar que a maior ou menor intensidade de atuação do pólo diretivo nas relações superestruturais é o indicador certo de progresso ou regresso da sociedade dentro de um bloco histórico. [...] (JESUS, 1989;58)

Numa análise contemporânea, o sociólogo alemão Ferdinand Tönnies (*in* BARBERO, 2007) observa que no campo da comunicação e, especificamente, dos *media* transfigura-se em território privilegiado para a análise da política e cultura contemporânea, que observem e seriamente analisem a força da narrativa, dos discursos, dos contextos e dos eventos.

A concepção de ideologia ligada à noção de *enquadramentos* noticiosos, refere àquela através dos quais os que trabalham os símbolos organizam geralmente o discurso, tanto verbal como visual. É o enquadramento conceitual e ideológico básico através dos quais acontecimentos são apresentados e em consequência do qual eles recebem um significado dominante. A forma como o noticiário televisivo TeleSur e a

CNN Espanhol noticiaram o caso em questão ilustra o que foi dito até aqui. Inclusive, fez-se a análise das notícias da internet, disponibilizados via YouTube, através dos quais acompanhamos uma outra forma de relato no desenvolvimento do Caso Colômbia/Equador.

São mais de quinze vídeos que mostram depoimentos, entrevistas ao vivo, via telefone, coletivas de imprensa com detalhamentos e imagens sobre a invasão de Colômbia. Assistimos a duas coletivas de Hugo Chávez. Numa delas o Presidente da Venezuela, num tom extremamente sereno, faz uma declaração de cinco minutos, referindo: “(...) Um cadáver num território está sujeito às leis desse território. Até onde estará disposto a chegar o Presidente Uribe com sua loucura? (...) Nós, os bolivarianos respeitamos a soberania de nossos irmãos. Não vamos aceitar que Colômbia se transforme em Israel (...) (01/03/2008: ALOCUCION SOBRE EL GUERRERISMO COLOMBIANO)”. Em outra reportagem, num tom exarcebado refere: “Uribe pode ser chefe de uma máfia mas não pode ser Presidente de um país! E muito menos de um país irmão (...) Ele é um mentiroso, mafioso e paramilitar. (...) é um subordinado de Bush”. (06/03/2008).

Analisando a diferença de discurso entre a primeira e segunda reportagens, do Chávez podemos associar que, no segundo momento (06/03), já haviam fatos que indicavam que o Presidente da Colômbia mentia ao referir que o ataque tinha sido em defesa própria.

Para comprovar a mentira do Presidente Uribe da Colômbia, foi divulgada a entrevista em que o Presidente da Venezuela, Rafael Correa, afirma ter visitado o local do ataque e conferiram que as vítimas estavam mortas de pijama e algumas com tiros nas costas. Além disso, o depoimento do Comandante da Brigada de Operacoes José Nuñez, mostra imagens no local do bombardeio e refere que o ataque foi por volta das três horas da madrugada e que os invasores só poderiam ter descido dos aviões em cordas rápidas para continuar o ataque., com o uso de tecnologia de ponta.

O telejornal TeleSur, no dia 14 de março divulga o comunicado enviado pelas Forças Armadas da Colômbia FARC no qual o grupo declara não aceitar a chantagem que se pretendeu montar contra os governos de Equador e a Venezuela. Para eles, o que o Presidente colombiano busca com as bombas inteligentes dos Estados Unidos é desviar as atenções do país que lhe exige renúncia à Presidência da República por genocida, narcomafioso e paramilitar. E desfaz a legitimidade da acusação contra o governo da Venezuela afirmando que o único país que aportou com armas e milhões de

dólares é o governo dos Estados Unidos. E ainda refere: “(...) toda a maquinaria midiática foi ativada para mentir e vomitar fogo contra o Equador e Venezuela e, também contra as FARC (...)”

2 Considerações Finais

Devido ao *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, o tema da dominação cultural e imperialismo noticioso exercido pelos Estados Unidos voltou a estar em pauta. Diante disso, apresentamos neste artigo os objetivos desse encontro, que tem como objetivo principal discutir a respeito do papel que a imprensa tem realizado enquanto interlocutor dos movimentos revolucionários do continente.

Verificou-se que os dois encontros realizaram críticas simultâneas um ao outro, a SIP, no sentido de atestar que a liberdade de imprensa não tem sido exercida na América Latina, o *Encuentro Latinoamericano contra el Terrorismo Midiático*, no sentido de mostrar que um dos principais responsáveis pelo imperialismo noticioso que ocorre no continente é a própria SIP e fez-se uma correlação sintetizada com a história relacionada ao imperialismo noticioso.

Sem dúvida, o surgimento do jornal televisivo TeleSur possibilita um referencial midiático de resistência em relação às mídias tradicionais da América Latina. Para verificar as diferenças entre a TeleSur e os meios de comunicação tradicionais, escolhemos analisar o modo como um tema muito divulgado pela mídia e que faz parte de um importante momento comunicacional do continente foi veiculado: o conflito ocorrido entre o Equador e a Colômbia na primeira semana de março de 2008 devido ao bombardeamento de uma base das FARC pela Colômbia em território equatoriano. A análise possibilitou a percepção da tendenciosidade de cada meio de comunicação, na medida em que verificou-se que o mesmo assunto foi tratado de maneira diferente na TeleSur e na CNN Espanhol, mídia americana escolhida para realizar o contraponto.

Enquanto a reportagem da CNN fala sobre as FARC como sendo uma organização que tem como únicos objetivos os seqüestros e o narcotráfico, aliando a imagem da Venezuela como co-responsável, a TeleSur fala dela sob outro ângulo, mostrando o envolvimento dos Estados Unidos em apoio à Colômbia. Enquanto a reportagem da CNN responsabiliza Hugo Chávez e a Venezuela pela guerra e por todo mal que pode acontecer ao território e ao povo da América Latina, o telejornal da

TeleSur mostra a responsabilidade dos EUA e do neoliberalismo, na tentativa de continuar exercendo o controle dos países ao sul.

Conclui que, após realizar a análise, que o telejornalismo TeleSur ocupa um papel de relevância na América Latina, dentro do contexto abordado na artigo relacionando-o à importância de aprofundar estudos sobre o multiculturalismo de resistência e o papel das mídias.

3 Referências:

ALMEIDA, B. *Telesur será uma TV em favor da integração dos povos, diz diretor multinacional*. Disponível em:

<http://www.piratininga.org.br/artigos/2005/72/betoalmeida-telesur.html>. Julho de 2005. Entrevista.

ARAÚJO, D. *Imagens Revisitadas: Ensaio sobre a Estética da Hipervenção*. Porto Alegre: Sulina, 2007.

BARBERO, J. M. *Medios y culturas en el espacio latinoamericano*, 2007. Disponível em <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric05a01.htm>. Acesso em 10/08/2008.

BARBOSA, M. *Meios de Comunicação no Brasil Pós-30: reflexões em torno da historicidade e do papel da imprensa*. In: UNIREVISTA, vol. 1, no. 3, julho/2006.

BELTRÁN SALMÓN, L. R., CARDONA, E. F. *Comunicação Dominada, os Estados Unidos e os meios de comunicação da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BOLETÍN de Prensa: Encuentro Latinoamericano vs Terrorismo Midiático. Agência Bolivariana de Notícias. Acesso em: 11/04/2008. Disponível em

<http://www.abn.info.ve/CrearNoticia/archivo/28&&03&&2008%2009&34%20pm.pdf>.

DE MORAES, D. *A hegemonia das corporações de mídia no capitalismo global*. 2000. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/moraes-denis-hegemonia.html>. Acesso em: 09/09/2008.

GUARESCHI, P. A. *Comunicação & Poder. A presença dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina*. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

JESUS, A. T. De. *Educação e Hegemonia*. São Paulo: Cortez, 1989.

MACLAREN, P. *Multiculturalismo Crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MATTELART, A e M. *História das Teorias da Comunicação*. 5 ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NOSELLA, P. *A Escola de Gramsci. Teoria e Crítica*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

RESUMEN Latino Americano. Disponível em: <http://www.resumenlatinoamericano.org>. Acesso em: 02/04/2008.

SOCIEDAD Interamericana de Prensa. Disponível em: <http://www.sipiapa.org>. Acesso em: 02/04/2008.

SODRÉ, M. *Reinventando a Cultura. A Comunicação e seus Produtos*. 4.ed. Rio Janeiro: Vozes. 2001.

WAISBERG, T. *A crise armada Colômbia-Ecuador no contexto da guerra contra o terrorismo internacional*. Disponível em: <http://mundorama.net/2008/03/18/a-crise-armada-colombia-equador-no-contexto-da-guerra-contra-o-terrorismo-internacional-por-tatiana-waisberg>. Acesso em: 06/04/2008.